



REVELAÇÕES DE MULHERES EM NARRATIVAS: REFLEXÕES SOBRE HIV E GÊNERO NO CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA

Linete Adma de Oliveira – admalinete@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Ponta Grossa, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3087-6092>

RESUMO: Compreendida a identidade como um processo de produção simbólica e discursiva (SILVA, 2014) através de práticas e interações sociais, o presente artigo é parte da pesquisa de mestrado (2015) que se justificou pelo silenciamento histórico da construção identitária da mulher nas relações de poder. Dessa forma o objetivo deste texto é apresentar as experiências de vida das mulheres participantes da pesquisa em um período de vida anterior à convivência com o HIV. Os referenciais teóricos sobre identidades sociais de gênero, linguística aplicada e HIV são: Borba (2008, 2010) e Higgins e Norton (2010). A metodologia qualitativa narrativa foi norteadada pelo espaço tridimensional citado por Clandinin e Connelly (2000) para análise das narrativas autobiográficas de mulheres que vivem ou convivem com o HIV. Como resultados, constatou-se que as identidades sociais reveladas nas narrativas é de que as mulheres, antes de serem infectadas pelo HIV, tinham vínculo afetivo com a figura masculina e acreditavam que os afazeres domésticos e o cuidado com o outro eram somente suas incumbências; mostraram-se em reconstrução no processo de reflexão acerca de suas relações sociais no campo afetivo, econômico, social e pessoal. Assim, foi possível concluir que as identidades de ser mulher entrecruzam-se e o processo de construção e reconstrução faz parte do viver e que, o falar sobre HIV está imbricado nas relações e práticas sociais das pessoas bem como nas relações de gênero. Diante do exposto, este artigo compõe-se pela introdução, identidades sociais de gênero, pesquisa narrativa, narrativas das mulheres que (con)vivem com o HIV (antes da infecção a esse vírus) e considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas autobiográficas; HIV; Identidade de gênero; Mulheres.

1 INTRODUÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS ENTRE OS ESTUDOS DE IDENTIDADES SOCIAIS E HIV NO CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA.

É possível observar que algumas ações para a prevenção à infecção ao HIV/AIDS, muitas vezes, são relacionadas ao medo (da patologia, da morte) ou direcionadas apenas aos homens ou às pessoas que trabalham com a venda de serviços sexuais. Além disso, outras motivações para articular HIV/AIDS e mulher aos estudos da linguagem, no âmbito da linguística aplicada, foi o conhecimento, nestes últimos dez anos (até 2015), de que homens e mulheres heteroafetivos, próximos a mim, morreram em decorrência da infecção ao HIV, por recusarem a aderir à terapia baseada nos antirretrovirais, por motivos diversos.

Também é possível dizer que, homens e mulheres soronegativos são tomados como a “norma de vida linear com saúde” e que, de forma geral, a sexualidade da mulher é que é sensualizada, erotizada (até pornografada), exposta ou menosprezada; eis, então, o porquê do recorte sobre mulheres imbricado com “identidades sociais de gênero”, pois, conforme aponta Tomaz Tadeu da Silva (2014), “[...] a força

homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.” (SILVA, 2014, p. 83). A invisibilidade das mulheres que vivem com HIV pode ser percebida em diversas situações e espaços, até mesmo pelo silenciamento, o que me impulsionou a falar e discutir mais sobre HIV e mulheres no campo da linguística aplicada.

Rodrigo Borba (2008a), em sua pesquisa realizada com as travestis e abordando a temática da prevenção às DST-AIDS, aponta a importância de assuntos relacionados à saúde pública serem estudados na área da linguística aplicada, pois cabe a ela, como ciência social, “lançar seus interesses de pesquisa sobre todo e qualquer uso da linguagem socialmente situado”. (BORBA, 2008b, p. 50).

No período contemporâneo, há necessidade de teorias que priorizem em suas pesquisas aplicadas um diálogo com as práticas sociais das pessoas em observância aos locais onde elas vivem. (MOITA LOPES, 2006, p. 23). Através de histórias vividas e contadas, procurei trazer à baila o que as narrativas de mulheres que vivem e convivem com HIV revelam da identidade social de gênero pelo espaço tridimensional, proposto por Clandinin e Connelly (2000).

Ao considerar o gênero como uma forma de dar significado às relações de poder, Pinto (2014) defende que, no campo da educação linguística, é necessário começar a politizar a circulação de enunciados, pois para ela “há muito mais linguagem na produção de gênero, da raça, da sexualidade, da etnia e de todas as diferenciações e identificações cotidianas” (PINTO, 2014, p.118) nos estudos linguísticos realizados até hoje, havendo um reconhecimento do papel da língua na construção do mundo social. Desse modo, temos como objetivo desse artigo: Conhecer as experiências de vida das mulheres participantes da pesquisa antes de conviverem com o HIV, no intuito de responder a seguinte pergunta “O que as narrativas revelam da identidade social de gênero sobre as experiências vividas antes de conviverem com o HIV?”.

Será abordado neste texto algumas asserções sobre: identidade de gênero e o HIV, pesquisa narrativa no campo da linguística aplicada, linguagem e HIV/AIDS, com os aportes teóricos buscados em Moita Lopes (2006), Rodrigo Borba (2008a, 2008b, 2010), Higgins e Norton (2010), Meyer (2013). Autores como Butler (2003), Louro (2003, 2009), Moita Lopes (2002, 2006), Pinto (2009), Scott (1991) embasarão aspectos da identidade de gênero. Para a metodologia da pesquisa narrativa, em que abordarei a pesquisa qualitativa, André (1995), Bortoni-Ricardo (2008); na modalidade narrativa do tipo autobiográfica, será base, Pavlenko (2007), Clandinin e Connelly (2000), Vassallo e Telles (2008). Por fim, farei considerações finais, lembrando que o presente texto é um recorte da minha pesquisa narrativa realizada no mestrado, cuja primeira pergunta foi reportada aqui.

2 UM OLHAR INTERDISCIPLINAR DA LINGUÍSTICA APLICADA SOBRE A LINGUAGEM DOS DISCURSOS DE IDENTIDADES SOCIAIS DE GÊNERO RELACIONADAS AO HIV e AIDS¹

Esta seção versa sobre o referencial teórico do presente artigo, o qual é parte da minha dissertação de pesquisa de mestrado orientada pela Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira. O mesmo aborda sobre a questão de identidades sociais de gênero e HIV no campo da linguística aplicada, dividindo-se em três subseções. Na primeira, apresento os conceitos acerca da linguagem e a temática do HIV no campo da linguística aplicada, tendo os seguintes suportes teóricos: Borba (2010), Higgins e Norton (2010), Pinto (2009). Na segunda, trago a discussão acerca de identidades sociais de gênero, seguindo os estudos de Hall (2006), Bauman (2001), Moita Lopes (2014), Tomaz Tadeu da Silva (2000). Na terceira, a metodologia de pesquisa e posteriormente, a análise de dados e os resultados, através dos quais respondo a pergunta de número um da referida pesquisa de mestrado “O que as narrativas revelam da identidade social de gênero sobre as experiências vividas antes de conviverem com o HIV?”. Sendo assim, segue o texto.

2.1 LINGUÍSTICA APLICADA COMO CAMPO DE ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM, HIV E AIDS

A linguagem presente nos materiais didáticos, regimentos, currículos, escola, entre outros, pode projetar e produzir desigualdades de gênero, de sexo, de raça e etnia, incentivando o preconceito, a discriminação e o sexismo, e, hierarquizando os sujeitos a partir de suas diferenças produzidas no meio social. Ou seja, as relações de poder acontecem num campo político através de processos linguísticos e discursivos. Logo, problematizar a linguagem tendo como foco a desconstrução da normalidade, já que ela institui a diferença, pode ser relevante ao levar em consideração que, regras linguísticas são criadas em um contexto de poder e podem ser transformadas. (FURLANI, 2003, p. 69). Ao considerar a questão do HIV, concordo com o UNAIDS (2011) no reconhecimento de que a linguagem que utilizamos influencia os comportamentos e molda crenças. (BRASIL/UNAIDS, 2011, p.1). Portanto, o uso da linguagem, que não remeta a estigmas, pode contribuir de forma preventiva para a não infecção das pessoas com o HIV. A linguagem não carregada de estigmas pode afastar a discriminação e o preconceito, que muitas vezes são instigados também pelo medo e por tabus criados acerca do HIV e da AIDS, presentes nos discursos diversos. Além disso, o silenciamento acerca dessa temática também pode contribuir para o

¹ Embora as Diretrizes de Terminologias recomendadas pelo UNAIDS/ONUSIDA desenvolvidas para serem utilizadas por seus funcionários, por colegas das 10 organizações Copatrocinadoras do Programa Conjunto, bem como por outros parceiros que atuam na resposta global ao HIV, traduzida do inglês para o português em janeiro de 2011, pelo UNAIDS/BRASIL, aconselhe a usar as siglas da seguinte forma: HIV/VIH e AIDS/SIDA, conforme disponível em <http://www.unaids.org.br/biblioteca/Terminologia%20AIDS%20Portugu%EA%20Agosto%202011.pdf>, acesso em: jan. 2014, optei por utilizar as siglas em inglês, visto que são mundialmente reconhecidas e usadas no Brasil até então.

distanciamento e a exclusão de pessoas soropositivas ao HIV em diversos campos em suas relações sociais.

Uma vez que considero que nossas relações culturais e sociais produzem a identidade e a diferença, por meio de atos de linguagem, não há como falar de identidade sem falar de diferença devido à relação entre elas. Tanto uma como outra estão em processo de construção. Quando afirmamos ser uma coisa, há uma negação a uma série de outras coisas; mesmo que nós não falemos “nós não somos”, estamos estabelecendo a diferença ou oportunizando expressões negativas de identidade, de diferenças. (SILVA T.T., 2014, p. 74-75). Ao olhar o outro, acabamos olhando para nós mesmos, pois acabamos vendo no outro o que somos e o que não somos, ou como somos construídos também pelo olhar do outro. Diante disso, o paradigma interpretativista leva-nos a perceber que “não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes”. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 33). Ou seja, é a partir de relações e práticas sociais que significados são construídos de forma histórica e contextualizada em um tempo e um espaço.

Na área da linguística aplicada, Borba (2010, p. 32), em seu artigo “Intertext(sex)ualidade: a construção discursiva de identidades na prevenção de DST/AIDS entre travestis.”, também chama a atenção para a importância de se discutir sobre HIV e AIDS, pois práticas sexuais desde sempre são visadas por discursos públicos e privados e: “Há três décadas, testemunhamos o surgimento da epidemia causada pelo vírus HIV, que desde então tem provocado um interesse coletivo acerca de como exercemos nossa sexualidade.” (BORBA, 2010, p. 32). Outra reflexão que a pesquisa em linguagem, HIV e a AIDS remete é o uso que muitas vezes fazemos da linguagem impregnando-a em nossos discursos “prontos” (vistos como verdades incontestáveis) e construídos socialmente, às vezes, de forma inconsciente; no entanto, às vezes, com plena consciência, sobretudo quando fomos bem treinados pela e para a retórica que participa de “jogos” de poder.

Ainda no campo da linguística aplicada, mas não no Brasil, Higgins e Norton (2010, p. 6)² relatam que o HIV e a AIDS têm sido objeto de estudo da sociolinguística e da análise do discurso aproximadamente há quase duas décadas. Tais pesquisas eram voltadas para os contextos de nações ricas, onde viviam homens homoafetivos (*gays*). Eram focadas na questão do estigma, em comportamentos de risco à infecção pelo HIV e identidades de gênero e orientação sexual *in loco*. A análise da conversa era o caminho para estudar o discurso entre o profissional da saúde e o paciente, quando este último passava por um teste de verificação de sua sorologia ou em contexto de sessões de aconselhamento. A gramática e o discurso eram o caminho para analisar a compreensão do paciente no contexto da pandemia da AIDS e os efeitos da mesma nas vidas daqueles pacientes. As autoras apontam ainda que em uma das pesquisas

² Assim como esta referência, todas as demais em francês ou inglês serão de minha tradução.

Realizadas em Hong Kong em 2000, através de narrativas de pessoas vivendo com HIV ou acometidas pela AIDS (pacientes), foi possível verificar quais questões culturais envolvem a temática. Outros estudos presentes no livro delas apontaram para a importância de analisar o discurso de jovens *gays* em relação aos panfletos de divulgação (campanhas governamentais preventivas), risco, estigma, em parques da cidade de Hong Kong; ou ainda sobre a importância de analisar o contexto de risco de infecção pelo HIV, através de histórias de experiências sexuais contadas por homens *gays*.

As duas autoras apontam também que as pesquisas em linguística aplicada sobre HIV e AIDS em realidades econômicas pobres são bastante recentes e em processo de crescimento e ainda são poucas. Citam como exemplo a pesquisa em sociolinguística no campo da saúde pública na África Subsaariana. Para elas, embora os estudos ainda se apresentem em poucos números, as pesquisas em linguística aplicada começaram a despertar a atenção sobre o conhecimento do HIV e da AIDS em contextos não ocidentais, construídos sobre estudos da linguagem e da semiótica multimodal. Tais estudos revelaram diferentes cosmovisões e perspectivas nos níveis estruturais da instituição e práticas culturais, o que levou agências internacionais a repensarem os programas de educação e de prevenção do HIV e da AIDS, percebendo que o caminho de progresso para tal discussão é endereçar-se para as individualidades dos contextos locais e culturais a partir do estudo dos discursos diversos e particulares. (HIGGINS e NORTON, 2010, p. 7).

Tomando a concepção de linguagem como discurso, pautada em Moita Lopes (2003, p.19) que diz que “todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico”, é através do uso da linguagem, em sua forma de narrativa escrita, que concretizei algumas reflexões acerca da temática de minha pesquisa. Neste período, bem como durante o primeiro esboço do anteprojeto de pesquisa, foi bastante comum as pessoas indagarem acerca da relação da linguística aplicada com a temática do HIV/ AIDS e mulheres. Dito isso, concordo com Rodrigo Borba quando afirma, acerca do campo de estudos da linguística, que desde os “[...] meados do século 19, a ciência linguística tem se preocupado em estudar, sincronicamente, a estrutura das línguas e os sistemas que as constituem”. (BORBA, 2010, p. 23). No Brasil, em referência às pesquisas em linguística aplicada, Moita Lopes diz que as áreas de investigação mudam “quando novos modos de fazer pesquisa, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, são percebidos como mais relevantes para alguns pesquisadores que, ao adotar persuasões particulares começam a ver o mundo sobre diferentes olhares” (MOITA LOPES, 2006, p. 16), ou seja, fazem pesquisa de modos diferentes e de temáticas particulares e/ou não tão pesquisadas na linguística aplicada.

Falar sobre HIV e AIDS em estudos linguísticos faz-se necessário, uma vez que a linguagem e a compreensão da mesma podem resultar em impactos positivos ou negativos em relação a temática. No Brasil, como nos demais países pobres do mundo, a AIDS entre as mulheres decorre prioritariamente de

relações sexuais desprotegidas com parceiro do sexo masculino, envolvido com a mulher numa relação estável – namoro ou casamento” (VILLELA, 2005, p. 66).

Desse modo, a sensibilização sobre o assunto no âmbito da linguística aplicada, através da análise da linguagem das mulheres participantes da pesquisa, possibilitou e possibilitará discussões sobre a temática e sobre prevenção à infecção ao HIV. É nesse contexto que a linguística aplicada, que se ocupa da linguagem, faz seus estudos; uma linguística voltada para o social, em que vozes subalternas, vozes periféricas e marginais ganham um tom de voz audível através das narrativas de suas histórias baseadas em suas vivências reais, ou seja, os sujeitos podem, por meio da linguagem, narrar suas histórias e não apenas repetir vozes que, muitas vezes, não os representa.

No Brasil, os estudos da linguagem na área da linguística aplicada são também abordados por Joana Plaza Pinto, quando a autora faz suas inferências sobre o corpo e linguagem e a maneira como dele se fala, afirmando que “o corpo é frequentemente negligenciado ou patologizado pelos estudos da linguagem.” (PINTO, 2009, p. 133).

Silva T.T. (2014) define a linguagem (tomada em definição geral) como “sistema de significação, é, ela uma estrutura instável” (SILVA, T.T., 2014, p. 78). O signo é uma marca, um símbolo que ocupa o lugar daquilo que estamos referenciando ou conceituando. Dito isso, podemos afirmar que as narrativas das mulheres transformadas em símbolos, em marcas, códigos escritos, são tomadas como uma projeção, um registro de suas identidades. Essas histórias de vidas narradas (re)velam identidades de mulheres que vivem com HIV e também daquelas que não convivem, daquelas que dizem “eu não sou soropositiva ao HIV”. E nas palavras de Silva (2014, p. 79), “a mesmidade (identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)”. Dessa forma, as narrativas podem revelar ou velar identidades.

2.2 IDENTIDADES DE GÊNERO

Joan Scott (1991, p. 21) conceitua gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e [...] como uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 1991, p.21), que em situações e em contextos determinados o mesmo constrói as relações entre homens e mulheres tanto no jogo do poder como na relação política de uma determinada sociedade.

Butler (2003, p. 200) diz que gênero é “uma identidade tenuamente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos”, cujo efeito leva à estilização dos corpos, ou seja, os gestos, os movimentos e estilos corporais de diversos tipos, logo, para ela, tem-se a ilusão de um eu permanente.

Ao tomar como campo de estudo um contexto em que pessoas estão em processo da aquisição de uma nova língua como exigência de sobrevivência no novo espaço em que moram, Pavlenko observa que:

A identidade de gênero é discursivamente construída ilustrado nos termos linguísticos em que há um atrito na competência linguística tanto na primeira como na segunda língua, visível tanto na primeira como na segunda língua motivada pela incapacidade de realizar uma subjetividade de gênero e ser compreendida em seus próprios termos. O descompasso das performances de gênero pode se dar no plano social, cultural e discursivamente construído de gênero, pois a transição para novas ideologias de gênero pode implicar novas subjetividades de gênero e ou também uma feminilidade e masculinidade normativa (PAVLENKO, 2011, p. 165).

Por conseguinte, ao se abordar questões relacionadas ao HIV e à AIDS, adentra-se também em territórios, em geografias muito além do corpo humano, de uma célula, ou de uma estrutura viral, pois “Diagnosticar uma doença não é o mesmo que curá-la – essa regra geral vale tanto para os diagnósticos sociológicos como para os médicos.”(BAUMAN, 2001, p. 245).

Indubitavelmente, tanto o diagnóstico como a terapia podem ser efetivadas através das interações sociais entre os indivíduos e concretizadas através da linguagem ou do silenciamento dela. Sendo assim, embora esta pesquisa tenha ênfase nas mulheres, ela poderá também levar a reflexões sobre as relações de gênero entre mulheres e homens, pois, considerando os esforços em compreender a diferença entre homens e mulheres e visando uma construção de trabalho conjunto voltado para a progressão da igualdade entre ambos, já que as desigualdades entre eles e elas ainda existem, a discussão sobre gênero é de bastante pertinência (ARAÚJO; FERREIRA, 2014, p. 281) no campo da linguística aplicada. E assim também a temática do HIV e mulher, imbricada no campo da sexualidade e das relações humanas, que se dão por meio da linguagem em seus diferentes e diversos discursos, pode igualmente ser tratada nesse campo de estudos e pesquisas aplicadas. Desta maneira, é possível dizer que o HIV trouxe o questionamento das instituições, das normas e das identidades mostradas como fixas e acabadas.

2.3 A PESQUISA NARRATIVA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA EM LA

O uso das narrativas (CLANDININ; CONNELLY, 2000) em pesquisas nos estudos da linguagem pode ser um dos caminhos para o diálogo e a reflexão de temáticas que ainda hoje no século XXI estão cercadas de tabus, o que leva Amanda Rabelo (2011) a sugerir a pesquisa narrativa, uma vez que para a autora: “As narrativas funcionam como ‘um guião’ para ajudar-nos a fazer sentido. Utilizamos constantemente porque o social se apresenta a nós como uma narrativa e podemos aplicá-la seletivamente a quase todos os aspectos de nossas vidas.” (RABELO, 2011, p. 175). O que demonstra que mesmo que a autobiografia seja dada de forma individual, ela nos remete em sua memória à interação

que ocorre entre as pessoas tanto no passado como no presente e no futuro. Nesse sentido, a temática HIV e AIDS e linguagem, mesmo concretizadas em eventos “individuais”, não deixam de ser uma memória coletiva.

Na perspectiva da pesquisa narrativa, as participantes, no ato de escrever suas autobiografias, partilham fatos e eventos passados que estavam em suas memórias. Em uma ação presente relatam suas lembranças através da escrita ou dos relatos; logo, o passado presente expõe suas experiências vividas. Clandinin e Connelly (2000, p. xxv) dizem que as histórias de vida advêm de épocas e lugares diferentes, as quais contribuem para a história como um todo. Narrativas são consideradas como o caminho para entender as experiências vividas e, ao contar suas histórias, as pessoas ao mesmo tempo modificam-nas e criam novas histórias, podendo contribuir para a educação dos mais jovens, daí a importância das pesquisas narrativas para a comunidade. (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p.xxi). Posso então afirmar que a participante da pesquisa, no momento da escrita de suas histórias de vida, projeta histórias vividas no passado, vivendo um presente com perspectivas e reflexões de caráter coletivo acerca de possíveis caminhos para ações futuras de intervenção preventiva, de reflexão ou de tomada de consciência sobre o HIV e a AIDS.

À luz da natureza interpretativista, a linguística aplicada busca construir conhecimento sobre a vida social, levando em conta os sujeitos heterogêneos inseridos em suas práticas discursivas, em que atuam e que os constituem. A naturalização da representação das experiências vividas passará por críticas e desconstruções a partir da interpretação (performance). (MOITAS LOPES, 2006, p.25).

Para orientação na análise dos textos de pesquisa, o referencial teórico está pautado nos autores Clandinin e Connelly (2000) que, no âmbito da pesquisa narrativa, apontam as histórias vividas e contadas como a experiência humana dentro da abordagem qualitativa de pesquisa. Vassalo e Telles afirmam que “As narrativas se constituem em modos de se compreender a experiência vivida dos participantes da pesquisa. Por meio delas, os pesquisadores lançam significados sobre aqueles que já foram dados pelos participantes.” (VASSALO; TELLES, 2008, p. 343).

Para Pavlenko, as narrativas autobiográficas “são textuais e, portanto, têm valor reflexivo para os seus autores e para os leitores que são encorajados a imaginar formas alternativas de estar no mundo”. (PAVLENKO, 2007, p. 180). Dessa forma, nós, leitores das narrativas autobiográficas trazidas neste artigo, podemos tomar coragem de nos permitir conhecer outras realidades diferentes da nossas e formas alternativas de vida apresentadas pelas mulheres que (con)vivem com o HIV.

Esta pesquisa qualitativa do tipo narrativa teve como objeto de análise e interpretação as autobiografias das participantes da pesquisa – mulheres que participam semanalmente de reuniões de grupo na ONG Reviver situada em Ponta Grossa (Estado do Paraná, Brasil), a qual, até no ano de 2015, em que a pesquisa foi finalizada, assistia aos soropositivos ao HIV ou familiares. A escolha pelas vozes

das mulheres se deu pelos indicadores dos dados quantitativos que apontavam as mulheres como as mais vulneráveis nos últimos anos no Brasil. A partir das autobiografias foram analisados aspectos individuais e coletivos discursivamente apresentados nas falas das participantes.

A temporalidade no pensar narrativamente da pesquisa narrativa é uma categoria importante, pois, ao se pensar sobre as coisas no tempo, traça-se um caminho para se refletir sobre elas. Ao vermos um evento, pensamos nele como uma expressão de todas as coisas acontecendo ao longo do tempo. (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 29). As pessoas são vistas em processo de mudança (as pessoas mudam no passado, presente e mudarão no futuro) (Idem, p. 30). Na investigação narrativa, o contexto é sempre presente, isto inclui noções como contexto temporal, contexto espacial e contexto de outras pessoas, pois ele é necessário para dar sentido a alguma pessoa, a algum evento, a alguma coisa. No pensar narrativo a pessoa em contexto é a prioridade. (Idem, p. 32).

A técnica de registro dos dados se deu por meio: das autobiografias, das entrevistas, das notas de campo; já a técnica de análise dos dados deu-se a partir do espaço tridimensional, modelo proposto por Clandinin e Connelly (2000) para a pesquisa narrativa, em que se considerou nas narrativas autobiográficas a espacialidade, a temporalidade e as dimensões pessoal e social.

Na tabela abaixo, retomamos a pergunta a ser respondida com as temáticas das análises e leituras das narrativas autobiográficas.

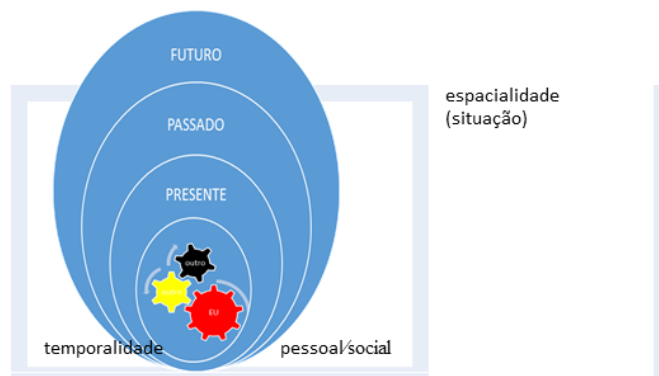
TABELA 1 – Instrumentos de geração de dados e temáticas das análises de dados da pesquisa “Narrativas autobiográficas de mulheres que (con)vivem com o HIV/VIH”- 2013 a 2015

Pergunta de pesquisa	Instrumentos de geração de dados	Categorias e temas para análise dos dados
O que as narrativas revelam da identidade social de gênero sobre as experiências vividas antes de conviverem com o HIV?	Narrativas autobiográficas. Anotações de campo. Entrevista não estruturada. Formulário.	Mulher, Identidade de gênero e família. Mulher, identidade de gênero e silenciamento. Mulher, identidade amorosa sexoafetiva.

Fonte: A autora.

O recorte dos excertos trazidos, aqui, para a análise decorreu da leitura das narrativas observando em sua estrutura narrativa as temáticas mais correntes, guiada pela dimensão temporal (presente, passado, futuro) do modelo *‘espaço tridimensional da pesquisa narrativa’* (Clandinin; Connelly, 2000), conforme ilustrado na figura 1, considerando também o contexto (dimensão espacial) e a dimensão indivíduo/social.

FIGURA 1 – Tridimensionalidade da pesquisa narrativa (Clandinin e Connelly, 2000) (Espaço tridimensional da pesquisa narrativa)



Fonte: A autora

Ao considerar a análise crítica do discurso como “transdisciplinar distribuída em todas as ciências humanas e sociais” (van Dijk, 2008, p. 10), tal linha de estudos do discurso também respaldaram a análise dos excertos retratados na seção de análise de dados da pesquisa de mestrado, que buscou em seu método narrativo um caminho paralelo para analisar o que as mulheres escrevem, como escrevem, que sentidos essas mulheres dão ao que escrevem, ou seja, foi analisado as suas práticas discursivas seguindo a seguinte estrutura narrativa dos fragmentos a (i) orientação serão os temas já apontados no título de cada seção, (ii) na complicação apresentada pelo o que elas dizem e como dizem, (iii) apresentando a resolução, para finalmente trazer a conclusão, a “moral” da história, conforme van Dijk (2008, p. 136), que diz que os discursos apresentam estruturas diferentes e podem ser analisados dependendo também dos tipos de gêneros analisados, pois as narrativas são aqui caracterizadas em seu foco de experiência individual de eventos específicos. Van Dijk (2008, p.12) define discurso da seguinte maneira: “O Discurso é uma interação situada como prática social ou como um tipo de comunicação huma situação social, cultural, histórica e política.”

Também levamos em conta, no processo de análise das narrativas, a concepção tridimensional do discurso apresentadas por Fairclough (2001/2008, p. 100-101): prática social (relacionada com ideologias e poder), que é considerada como algo que as pessoas produzem e entendem com base em senso comum partilhados, a prática discursiva, entendida como produção, distribuição e consumo e, por fim, o texto que tem uma natureza parcialmente discursiva. A análise textual é a descrição, e a análise discursiva e da prática social são denominadas interpretativas. Na análise textual são estudados vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual; na análise da prática discursiva são considerados a força dos enunciados (os atos de fala: promessas, pedidos, ameaças), a coerência, a intertextualidade dos textos. (FAIRCLOUGH, 2001/2008, p. 103-104). A partir do que as mulheres descrevem ou narram em suas

histórias, eu faço a análise discursiva considerando, quando necessário, a análise linguística, pois meu objetivo é analisar o que elas dizem e como dizem em suas práticas discursivas nas narrativas.

O perfil das participantes da pesquisa narrativa deu-se a partir dos seguintes dados: nome, idade, escolaridade, identidade de gênero, sexo, orientação sexual, escolaridade, profissão, relacionamento (ou estado civil) e número de filhos. A informação sobre condição de sorologia ao HIV obteve pela convivência com as mesmas nos encontros em que participei na ONG, conversas com as participantes ou através das suas narrativas. Das 11 mulheres das quais as narrativas foram coletadas e interpretadas, 7 delas, até a data da coleta, declararam ser soropositivas ao HIV. Todas as 7 autoidentificaram-se como mulheres Cis e como heterossexuais. Em relação ao termo Cis posto no quadro do perfil das mulheres aqui retratadas, nosso intuito foi trazer a reflexão sobre a vulnerabilidade à infecção ao HIV a essas mulheres, que, como poderemos ver nas narrativas delas, referem grande confiabilidade nos seus parceiros, e para desestabilizar o preconceito de que o HIV e a AIDS é uma questão somente das pessoas Trans ou de orientações sexuais não heteroafetivas.

2.4 IDENTIDADES SOCIAIS DE GÊNERO: ANTES DO HIV

Nesta subseção será apresentada a análise das narrativas considerando as identidades sociais de gênero das mulheres antes do seu convívio com o HIV e responderemos à pergunta deste artigo, a qual está contida na dissertação de mestrado como pergunta primeira: O que as narrativas revelam da identidade social de gênero sobre as experiências vividas antes de conviverem com o HIV?

2.4.1 Mulher, identidade de gênero e família

As definições do papel de gênero acentuam o comportamento dos sujeitos, sendo atribuído às mulheres “[...] a serenidade, o trato com as coisas da natureza, a solidariedade, o cuidado, o carinho, a delicadeza, a obediência, a maternidade vivenciada desde a infância ao brincar de boneca, o dever de servir e o limite do espaço privado.” (MIRANDA; SCHIMANSKI, 2014, p. 71). No fragmento da narrativa de Janete exposto a seguir é possível perceber que ela aponta o espaço privado como um espaço de circulação autorizado “socialmente” às mulheres, no qual realiza as atividades domésticas. Vejamos:

Fragmento 1

Aos 10 anos, fui morar na casa de uma mulher muito bacana! Ela cuidava dos netos e dos três filhos. Lá, eu fui muito bem recebida. Eu limpava a casa dela em troca de moradia, até eu saber que minha mãe estava muito doente (Janete, mulher HIV+, 28/04/2014)³.

³ As narrativas passaram por algumas adaptações para a variedade linguística do português da gramática normativa, sendo meu intuito evitar possível vinculação entre a variedade linguística não normativa e a estigmatização de pessoas que não fazem uso

Em análise ao que está registrado acima, é possível inferir que os espaços em que se dá a educação acabam reforçando valores naturalizados em níveis diversos. A mãe cuidava dos filhos e dos netos; Janete, além de se ocupar de afazeres domésticos a terceiros, acabava por se responsabilizar pelo cuidado para com sua mãe doente. Ao encontro disso, Meyer (2013, p. 24) afirma que os indivíduos, desde o útero materno, já aprendem a ocupar seus lugares sociais de forma sutil.

Também, Borba (2010, p. 25) diz que “[...] não há enunciado que não seja repleto de vozes de outros na construção do significado em interação”. Dessa forma, detecta-se o diálogo, as vozes presentes no discurso dos fragmentos das histórias de vida aqui apresentados, visto que as mulheres utilizam da criatividade para narrar a sua experiência vivida. Assim como nós mulheres, autoras deste artigo, fizemos ao levar e consideração os aspectos e a interpretação dos textos apresentados visam a construção de sentido do que é narrado pelas narrativas em uma prática social mais ampla (FAIRCLOUGH, 2001, 2008, p. 244), pois a temática relacionada com identidade social de gênero e HIV extrapola as linhas dos excertos trazidos aqui.

2.4.2 Mulher, identidade de gênero e silenciamento

A imposição do pai se opõe à compreensão da mãe, o que estremece a relação dos filhos e filhas com os pais. Somado à revolta adolescente, o discurso paterno tende a provar a fragilidade quando a complacência partilha a desilusão de que sua palavra era um aviso de que algo não daria certo devido à resistência e à tentativa de libertação ou subversão às regras que ele impusera ou propusera. (BOURDIEU, 2011, p. 89). O que pode explicar o medo, o ódio dirigido ao pai, no relato da Janete no fragmento a seguir:

Fragmento 2

Sei de uma coisa: a gente só fala isto, que é HIV, para o parceiro ou para os parentes. Mesmo assim, pensei antes de falar, porque foi aí que eu vi que quando você é amada de verdade, supera tudo isto. Conteí da gravidez para Dona Minha Patroa e ela perguntou o que eu iria fazer. [...] Eu não queria falar para o meu namorado que eu estava grávida, para não pressioná-lo e nem obrigá-lo a ficar comigo. [...] eu tinha que falar para o pai (da criança). E ele precisava saber que eu era HIV. [...] Mas, antes, eu conteí para minha família. Na hora, eles ficaram pondo a culpa em mim. Meu pai xingou-me muito. Mas ele nunca ligou para mim mesmo! Falou que eu me virasse. Meu pai xingou-me mais por eu estar grávida e por eu estar doente, não me ajudou [...] (Janete, mulher HIV+, 28/04/2014).

da variedade de português normativo como únicos vulneráveis à infecção ao HIV. Procurei deixar a escrita mais próxima do original. As narrativas estão em itálico para diferir das citações diretas.

Nas linhas 1 e 2, é possível perceber a insegurança acentuada de Janete em revelar a gravidez somada ao fator de estar infectada pelo HIV, sobretudo aos entes do núcleo familiar de origem e com quem teve relacionamento sexoafetivo. Da patroa com quem foi trabalhar como empregada doméstica, ela já esperava a reação de desinteresse conforme se observa na linha 4. Guimarães (1996, p.93) diz que a identidade feminina é estruturada pelo estereótipo do silêncio, do ocultamento. Porém, esse silenciamento não significa a inexistência de um discurso sobre o ser mulher, mas há um silenciamento simbólico marcado em formas concretas, como ocorre na primeira menarca, perda da virgindade, maternidade e menopausa.

Ao mesmo tempo que ela demonstra a insegurança em revelar a gravidez e a infecção ao HIV, quando ela afirma que precisava contar para ele, pode levar à compreensão de que as mulheres encontram no casamento, no “morar” junto com um homem como uma fuga e medo do julgamento moral da sua família de origem, na moral da família, no não envergonhar o pai. Esta minha afirmação é justificada, quando Janete aponta a responsabilidade da gravidez e da infecção pelo HIV apenas sobre si mesma. A novidade estremece sua relação de filha e pai, visto que a mesma saíra de casa para trabalhar em casas alheias ainda adolescente por conta também disso. Quando ela afirma que não quer ficar com a filha, isso não quer dizer que ela não queira, mas tenha consciência que não pode ficar, pois sabe que tem suas limitações físicas e não pode trabalhar fora de casa. Embora o fragmento não traga isso de forma clara, em seu choro durante o relato e de sua tristeza apresentada por ter que ficar longe da filha, eu percebi que ela sofre com a separação delas tanto dessa filha que mora com o pai, bem como o do outro filho que mora com a irmã dela e de quando ela me relatou de que depende da irmã vir busca-la para passear na casa dela. (Anotações de campo, mai. 2015).

2.4.3 Mulher e identidade amorosa sexoafetiva

Conforme apontam Clandinin e Connelly (2000, p. 50), a dimensão da continuidade neste fragmento é aparente, pois o passado retratado no relacionamento é parte da história presente, em que há um certo “saudosismo” dos tempos de início de relacionamento. Vejamos:

Fragmento 3

Quando conheci o meu (marido), ele era um homem muito bom. Vivemos momentos maravilhosos. Ele era noivo e eu era solteira e trabalhava no mercado Real. E ele era vendedor de café; trabalhava com o cunhado dele (Irene, mulher, HIV-, 2014).

Percebe-se que não há incorporação de questões preventivas à preservação de sua saúde. Toma o amor como parte da sua identidade feminina encaminhando para a abnegação, negação de si mesma em função do outro. (BARBOSA; VILELA, 1996, p.24). Ao atribuir qualidade a ele há um certo

apagamento no olhar para si mesma, em que a sua sexualidade fica em segundo plano. Lent (2005, p. 23) identifica nas pessoas que vivem ou convivem com o HIV a constante “luta” contra a morte civil, dando aval aos grupos excluídos, “condenados”, e por merecimento a morte. O medo instaurado, ao mesmo tempo que avisa e resguarda, alimenta o desconhecimento e a fuga para o não saber e para o comodismo, colocando a possibilidade de infecção como problemas do outro. (LENT, 2005, p. 34).

Dessa forma, é possível inferir que “O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção de identidade.” (SILVA T. T., 2014, p. 84). As identidades assumidas enquanto mulher são de namorada, mãe, provedora do lar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas simbólicos (os modos como a sociedade representa o gênero) servem-se do gênero para criar regras de relações sociais ou dar sentido para as experiências, ou seja, as pessoas agem conforme aquilo que elas veem sentido, e a significação dada à linguagem faz com que percebamos os papéis determinados pelos símbolos e conceitos que definem a personalidade. (SCOTT, 1990, p. 11).

Com o objetivo de conhecer as experiências de vida das mulheres participantes dessa pesquisa antes de conviverem com o HIV, apresento a resposta à pergunta apresentada no início deste artigo “O que as narrativas revelam da identidade social de gênero sobre as experiências vividas antes do HIV?”

Em resposta a esta pergunta, após a análise dos dados, foi possível concluir que, na categoria de gênero e família, revelou-se que as mulheres apresentam acentuada ligação com a figura masculina nas suas relações afetivas: pai, namorado, marido, filho. A relação filial estremecida entre pai e filha leva a mulher jovem a sair de casa ou casar precocemente, em virtude também de gravidez precoce. Em suas identidades de filhas e namoradas muito jovens experienciaram a rejeição e o julgamento negativo, reproduzindo o discurso da culpabilização e medo do abandono por aqueles com quem têm laços afetivos. Desempenham afazeres domésticos ou de cuidadoras de outras pessoas. Na categoria mulher e silenciamento, consideram a temática do HIV/AIDS como “problema”: evitam falar dele, pois dizem sentirem-se depressivas e tristes. Já na categoria amorosa ou sexoafetiva, ao assumirem a identidade como namorada, percebe-se o amor abnegado ou a sua posição submissa em relação ao amor do outro, que acaba ficando de lado quando a identidade de provedora da família ou cuidadora dos filhos demandam que deem superação ou apagamento das demais. Na minoria dos casos aqui narrados, elas buscam outros relacionamentos afetivo-amorosos.

Segundo Borba (2010, p. 33-34), as pesquisas relacionadas à infecção ao HIV não podem se limitar às questões epidemiológicas ou em dar informação a determinados grupos específicos sobre possíveis riscos relacionados a certos comportamentos sexuais, pois todos os esforços necessitam transformar o comportamento sexual dos indivíduos. Para ele, as pesquisas e prevenção relacionadas às DST's e infecção ao HIV precisam ser focadas em fatores estruturais, contextuais e situacionais. (Idem, p. 34). É uma vez que sua pesquisa no campo da linguística aplicada pôde indicar “[...] os estudos das lógicas e significados coproduzidos local e sequencialmente em interações entre interventores(as) e profissionais do sexo [...] o que leva a (re)negociação e (re)construção das identidades dos interlocutores.” (Idem, p. 34). Dessa maneira, parece que, conhecer e compreender as identidades sociais de gênero reveladas nas narrativas autobiográficas de mulheres que vivem e convivem com o HIV, pode contribuir para uma prevenção à infecção ao HIV pelas mulheres e também pelos homens, pois a aproximação e o diálogo podem contribuir para efeitos quanto ao comportamento sexual.

O reportar das lembranças guardadas na memória é repetir no presente acontecimentos passados com uma certa modificação histórica, visto que “A memória é feita de esquecimentos, de silêncios, de sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, transformando o que parece igual e intocável.” (CORACINI, 2011, p. 290). Assim, narrar outras histórias ocorridas antes do HIV é também uma forma de se interpretar a si mesma como mulher, na busca de sua identidade social de gênero. Logo, as narrativas das mulheres aqui apresentadas e analisadas podem nos levar a refletir sobre a relação de gênero na sociedade em que vivemos (Sul do Brasil, Paraná), além de proporcionar o conhecimento acerca das identidades sociais de gênero de mulheres que vivem ou convivem com o HIV.

Nesse sentido, diante dos resultados obtidos na pesquisa narrativa, é possível depreender que ela corresponde à proposta de Moita Lopes (2006) sobre a linguística aplicada como “Indisciplina” que transgride as fronteiras das visões objetivadas do conhecimento e que busca compreensão da heterogeneidade, fragmentação e mutualidade do sujeito social com certo apagamento sócio-histórico (no caso aqui, as mulheres que vivem e convivem com o HIV sob notificação sorologia positiva), em que se leva em conta também questões de ética e de poder, desde que esteja empoderada em práticas sociais de agir e resistir. (MOITA LOPES, 2006, p. 27).

Pode-se acrescentar, segundo esse mesmo autor, a possibilidade política da pesquisa em linguística aplicada trazer “outras histórias sobre quem somos” (Idem, p. 27) ou, ainda, que incitem a atenção às vidas marginalizadas em relação aos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade, etc. (Idem, p. 27). Desse modo, as vozes de vidas marginalizadas de mulheres que vivem ou convivem com HIV podem “apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo

globalizado [...]” (Idem, p. 27) a partir de outras descrições da vida social e outros caminhos que a pesquisa narrativa me levou a conhecer e refletir sobre.

4 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 7-64.

ARAÚJO, J.M.; FERREIRA, A. J. Língua inglesa e multiletramentos: Relações de gênero no livro didático. p.280-301. In: WOITOWICZ, K. J.; ROCHA, P.M. (Orgs.). **Marcas e discursos de gênero: produções jornalísticas, representações femininas e outros olhares**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014. Disponível em <http://www.uepg.br/editora>. Acesso em: 15 jan. 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARBOSA, R. M. A trajetória feminina da AIDS. p. 17-32. In: PARKER, Richard; GALVÃO, Jane. (Orgs.) **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMSUERJ, 1996.

BORBA, R. **Alteridades em fricção**. Discurso e identidades na prevenção de DST/AIDS entre travestis. 2008, 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008a.

BORBA, R. Identidade e Intertextualidade: a construção do gênero e da sexualidade na prevenção de DST/AIDS entre travestis que se prostituem. **Caderno de Linguagem e Sociedade**. [Local], v. 9, n.1, p.72-97, [mês]. 2008b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v9n2/05.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014.

BORBA, R. **Interxt(sex)ualidade**: a construção discursiva de identidades na prevenção de DST/AIDS entre travestis. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 49, n.1, p. 21-37, jan./jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v21n4/a11_v21n4.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. 2013. **Boletim Epidemiológico. HIV-AIDS**. Ano II, nº 01 - até semana epidemiológica 26^a - dezembro 2013, 64 p. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2013/55559/_p_boletim_2013_internet_pdf_p__51315.pdf. Acesso em: 02 maio 2014.

BRASIL/UNAIDS. **Diretrizes de Terminologia do UNAIDS/ONUSIDA**. jan. 2011. Disponível em:<http://www.unaids.org.br/biblioteca/Terminologia%20AIDS%20Portugu%EAAs%20Agosto%202011.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Aguiar, R. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLANDININ, D. J. e CONNELLY, F. M. **Narrative Inquiry: Experience and story in qualitative research**. San Francisco, CA: published by Jossey-Bass, 1st edit., 2000.

CORACINI, M. J. R. F. Discurso e identidade: uma questão de memória e ficção de si. *In*: CORACINI, M. J. R. F. **Estudos de Identidade: entre saberes e práticas**. 1. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ/Garamond - Universitária, 2011. p. 289-311.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães (Coord.) e Norman Fairclough. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. *In*: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 60-81.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIGGINS, C.; NORTON, B. (Eds.). **Language and HIV/AIDS**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010.

LENT, C. F. Epidemias e subjetividades. *In*: CARVALHO, M.E.G.; CARVALHAES, F. F.; CORDEIRO, R. P. **Cultura e subjetividade em tempos de aids**. Londrina: Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids, 2005. p. 21-34.

LOURO, G. L. Pensar a sexualidade na contemporaneidade. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009. p. 29-36. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf. Acesso em 22 ago. 2013.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *In*: LOURO, L. L.; FELIPE, J. ; GOELLNER (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-66.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, G. L; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.

MIRANDA, T. L.; SCHIMANSKI, E. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. p. 67-91. *In*: FERREIRA, A. J. (Orgs.). **Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 13-38.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista. *In*: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

NORTON, Bonny. Identity, literacy, and English-language teaching. **TESL Canada Journal/Revue TESL du Canada**, vol. 28, n. 1, winter 2010.

PAVLENKO, A. Autobiographic narratives as data in applied linguistics. **Applied Linguistics**, v. 28, n.2, p.163-188, abr., 2007. Disponível em: http://astro.temple.edu/~apavlenk/pdf/Applied_Linguistics_2007.pdf. Acesso em: 30 out 2014.

PINTO, J. P. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu**, v. 33, [n.], p. 117-138, jul./dez. 2009.

PINTO, J. P. Gênero e suas articulações para igualdade e pluralidade na educação linguística. *In*: FERREIRA, A. J.; JOVINO, I. S.; SALEH, P. B. O. (Orgs.). **Um olhar interdisciplinar acerca de identidades sociais de raça, gênero e sexualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 103-122.

RABELO, A. O. A importância da investigação narrativa na educação. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-178, jan./mar. 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica J Scott - **Educação e realidade**, 1991 - xa.yimg.com Page 1. 1. Tradução de Christine Rufino Dabat; Maria Betânea Ávila. [Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989]. p. 1-35.

SILVA, T. T. A produção da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. Organização de Teun A. van Dijk; Judith Hoffnagel; Karina Falcone. Tradução de Judith Hoffnagel et al. São Paulo: Contexto, 2008.

VASSALO, M. L.; TELLES, J. A. Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem: histórias de identidades. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 341-381, abr/maio, 2008.

VILLELA, W. V. Vulnerabilidade, sexualidade e subjetividade: sobre a face feminina da AIDS. p. 65-77. *In*: CARVALHO, M.E.G.; CARVALHAES, F. F.; CORDEIRO, R. P. **Cultura e subjetividade em tempos de aids**. Londrina: Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids, 2005.

Title

Revelations of women in narratives: reflections about HIV and gender in the field of language applied.

Abstract

Understanding identity as a process of symbolic and discursive production (SILVA, 2014) through social practices and interactions, this article is part of the master's research (2015) that was justified by the historical silencing of women's identity construction in relationships of power. Thus the objective of this text is to present the life experiences of women, research participants, in a life period prior to living with HIV. The theoretical references on social identities of gender, applied linguistics and HIV are: Borba (2008, 2010) and Norton (2010). The qualitative narrative methodology was guided by the three-dimensional space Clandinin and Connelly (2000) for the analysis of autobiographical narratives of women living or living with HIV. As a result, it was found that the social identities, revealed in the women narratives before being infected with HIV, had an affective bond with the male figure and beliefs that domestic chores and caring for the other were their duties. They were in reconstruction in the process of reflection about their social relations in the affective, economic, social and personal fields. Thus, it was possible to conclude that the fact of being a woman intersects with the process of construction and reconstruction, then as a part of living when talking about HIV, it intertwined with people's social relations and practices, as well as with gender relations. Given the above, this article is composed by the introduction, social gender identities, narrative research, narratives of women who live with HIV and final considerations.

Keywords

Autobiographical Narratives; HIV; Gender Identity; Women.

Recebido em: 17/11/2019.

Aceito em: 18/12/2019.